

## Lembrança de Giovanni Casertano

Silvio Marino  
silviolisbona@yahoo.it  
UnB/Università di Napoli “Federico II”

Giovanni Casertano faleceu na noite de 21 de dezembro de 2023, em Napoli. Eminentemente estudioso de Filosofia Antiga, dos Pré-Socráticos e de Platão, em particular, deixa um legado humano e científico de grande altura aos familiares, amigos, discípulos e estudiosos do mundo inteiro, que, com ele, ao longo de uma carreira acadêmica de cinquenta anos, trabalharam e discutiram filosofia, literatura, música e política.

Ele nasceu no dia 6 de março de 1941, em San Prisco, pequena cidade para onde a família havia sido deslocada por causa dos bombardeios das forças aliadas, perto de Santa Maria Capua Vetere, na província de Caserta.

Giovanni Casertano havia conseguido a “Laurea”, o mestrado, em Filosofia, em 1963, discutindo uma tese sobre Karl Marx, orientada por Aldo Masullo na Università degli Studi di Napoli “Federico II”. Depois, por uma década, ensinou nos “Licei Statali” na Itália, pelas cátedras de “Filosofia e História” e também de “Grego e Latim”. A partir de 1973, trabalhou junto com Giuseppe Martano, que foi o primeiro titular da cátedra de “História da Filosofia Antiga” (1962-1974) e, depois, professor titular da cátedra de “História da Filosofia” (1974-1982). Giovanni Casertano foi, de 1976 a 1980, professor “encarregado” de “História da Filosofia Antiga” na Università di Messina e, de 1980 a 2009, professor titular da cátedra de “História da Filosofia Antiga” do Departamento de Filosofia da Università degli Studi di Napoli “Federico II”.

Ele foi membro de várias sociedades científicas e de vários centros de pesquisa, membro fundador da International Plato Society, e presidente nacional da Società Filosofica Italiana (maio de 1998-abril de 2001) e obteve vários reconhecimentos na Itália e no mundo. Em 2012 foi nomeado “Cidadão honorário” da Antiga Cidade de Elea e, no mesmo ano, a Universidade de Brasília conferiu-lhe o Doutorado *honoris causa*. No dia 27 de dezembro de 2020, por iniciativa da Presidência do Conselho dos Ministros, o Presidente da República Italiana conferiu-lhe a honraria de “Ufficiale dell’Ordine al Merito della Repubblica Italiana”, a mais alta ordem da República Italiana.

Na sua trajetória intelectual e política, determinante foi o encontro com Amadeo Bordiga, que fundou o Partito Comunista d’Italia, originado da cisão do Partito Socialista Italiano, no XVII congresso deste partido, que ocorreu no mês de janeiro de 1921, em Livorno. Giovanni Casertano foi secretário pessoal de Bordiga durante muitos anos e sempre fiel à causa do proletariado. Com amigos e colegas, lembrava este período com Bordiga, contando sobre os trabalhos que desenvolviam. Do marxismo, ele lembrava sempre como fosse uma teoria científica, mas à qual sabia acrescentar o calor humano e a compreensão, tratando todos com a mesma postura.



Os estudos de Giovanni Casertano abrangem um grande leque de autores e de épocas, e sua produção científica consta de mais do que trezentas publicações. A primeira delas reúne textos de Espinoza, traduzidos, introduzidos e anotados por ele: Benedetto Spinoza, *Dio natura uomo (pagine scelte)*. *Introduzione, traduzione e note di Giovanni Casertano*, Napoli: il Tripode, 1969. Todavia, os interesses de pesquisa e o encontro com Giuseppe Martano determinam a orientação dos estudos em direção ao pensamento antigo dos Pré-Socráticos, primeiramente a Parmênides e, em seguida, aos sofistas e a Demócrito. Este primeiro momento de pesquisa é marcado por quatro monografias: *Natura e istituzioni umane nelle dottrine dei sofisti* (Napoli: il Tripode, 1971), *La nascita della filosofia vista dai Greci* (Napoli: il Tripode, 1977), *Parmenide il metodo la scienza l'esperienza* (Napoli: Guida Editori, 1978, depois publicado novamente em 1989, na série *Skepsis*, do editor Loffredo de Napoli, dirigida por ele), e *Il piacere l'amore la morte nelle dottrine dei presocratici* (Napoli: Loffredo, 1983).

No começo dos anos 1990, Giovanni Casertano concentra suas pesquisas na análise da obra de Platão, autor que será o foco de seus estudos até o fim da vida dele. Sobre Platão, Giovanni Casertano publicou inúmeros artigos, várias monografias e deu inúmeras conferências em todo o mundo. É de 1991 a primeira monografia sobre Platão, *L'eterna malattia del discorso. Quattro studi su Platone* (Napoli: Liguori), à qual segue um imponente estudo sobre a relação entre linguagem e realidade em Platão: *Il nome della cosa. Linguaggio e realtà negli ultimi dialoghi di Platone* (Napoli: Loffredo, 1996).

A partir do final dos anos 1990 do século passado, Giovanni Casertano começou a organizar congressos platônicos bianuais. O foco destes eventos era a estrutura dos diálogos de Platão, na convicção de que a análise da estrutura dialógica fosse uma ferramenta indispensável para alcançar resultados na pesquisa, sempre na perspectiva de que os diálogos são obras miméticas, de teatro, em que o raciocínio e o “encantamento” das almas – razão e sentimento, para usar categorias modernas – não podiam ser analisados separadamente, porquanto o ser humano é um todo feito tanto de paixões e desejos quanto de racionalidade. Fruto destes congressos são os volumes que reúnem as contribuições dos participantes, todos editados por Casertano. O primeiro destes é *La struttura del dialogo platonico* (2000), ao qual seguem *Il Teeteto di Platone: struttura e problematiche* (2002), *Il Protagora di Platone: struttura e problematiche* (2004), *Il Cratilo di Platone: struttura e problematiche* (2005) e *Il Fedro di Platone: struttura e problematiche* (2011), todos publicados na série *Skepsis* do editor Loffredo de Napoli.

Publicação de grande fôlego é a monografia *Paradigmi della verità in Platone* (Roma: Editori Riuniti, 2007), em que se destaca o fato de que não há propriamente, nos diálogos de Platão, uma definição de verdade, mas há diferentes paradigmas que se encontram ao longo da produção de Platão.

Nestes anos, Giovanni Casertano publica, também, dois pequenos volumes pelos editores Guida de Napoli, na série “Parole chiave della filosofia”; o primeiro é “Morte” (2003) e o segundo, “Sofista” (2004), em que volta – embora nunca os tenha abandonado – aos Pré-Socráticos. E, de fato, estes primeiros filósofos foram sempre um dos centros de gravidade da reflexão de Giovanni Casertano, que culmina no volume *I Presocratici* (Roma: Carocci Editore, 2009).

Em 2015, aparece *Fedone o dell'anima. Dramma etico in tre Atti*, por Paolo Loffredo Iniziative Editoriali, editora pela qual ele e Lidia Palumbo, sua aluna, dirigem a nova série *philosophike skepsis*, dada a falência da editora Loffredo. Este texto é a tradução, com introdução e notas, do *Fédon* de Platão, fruto de décadas de estudo sobre este diálogo, que dá uma imagem da filosofia de Platão diferente da de uma filosofia que separa alma e corpo, razão e paixão, sobretudo em relação às questões da alma e da morte.

A este seguem *I proverbi di Platone* (Napoli: Paolo Loffredo, 2019), *Venticinque studi sui Preplatonici* (Pistoia: Petite Plaisance, 2019), *Una filosofia degli uomini e per gli uomini. Venticinque studi su Platone* (Pistoia: Petite



Plaisance, 2021) – os últimos dois títulos reúnem ensaios publicados separadamente. Os últimos dois livros são *Il bene e la linea* e *Platone e il mare*, ambos publicados pela editora Petite Plaisance de Pistoia, em 2023.

A obra de Giovanni Casertano é vasta e complexa, porque os interesses dele abrangeram sempre um grande leque de autores e de épocas, assim como de assuntos. Desde o estudo de Marx, através do de Espinoza, até chegar aos antigos, Casertano mostrou um acume crítico capaz de proporcionar um olhar diferente sobre as questões e uma insaciabilidade intelectual que não repousava nos conhecimentos adquiridos, mas que tornava estes conhecimentos e estes estudos uma base para enfrentar novos desafios filosóficos; mostrou a quem estava perto dele, que era preciso olhar sempre para frente, sempre para o que não se conhecia ainda, um princípio de conduta intelectual que era e é também um princípio de conduta moral em relação a si mesmo. E é mesmo este princípio que ele transmitiu aos vários discípulos, entre os quais quem escreve esta lembrança teve a sorte e o privilégio de estar.

Testemunho disso são os estudos que ele publicou, as palestras e os cursos que ele deu a inúmeras gerações de estudantes. Essa insaciabilidade e essa vontade de dar sempre um olhar novo sobre as anosas questões da filosofia antiga se encontra já na consideração dos Pré-Socráticos, na proposta metodológica e crítica de abandonar *clichés* consolidados. O trabalho crítico de Casertano sobre estes filósofos foi primeiramente voltado a enquadrar historicamente os vários autores e a desconstruir as narrativas que os dois mais influentes “historiadores” da filosofia deram deles: Aristóteles e Hegel. O estudo dos Pré-Socráticos, de fato, não pode não considerar um ponto fundamental: para saber que estes autores eram filósofos é necessário já saber – como afirma Hegel – o que é a filosofia. Neste âmbito, Casertano alertava sobre problemas metodológicos dos quais o historiador da filosofia não podia, e não pode, escapar: se trata dos problemas do anacronismo, de esquematizações e de absolutizações das interpretações que são dadas. E é mesmo aqui que ele mostra um princípio norteador de suas pesquisas, ou seja, um olhar, como ele o define, “histórico-crítico”, um olhar atento à reconstrução histórico-filológica dos textos mas que não esquece que é sempre o historiador, com sua história, seus interesses e sua visão do mundo, o sujeito que escreve a história das “filosofias” – no plural e não no singular. Dito de outra forma, a história é sempre algo que é filtrado através do historiador e que reverbera no historiador, levando-o a refletir sobre a conexão que as filosofias antigas têm com o presente do historiador. Esta perspectiva se encontra até os últimos escritos e, sobretudo, nos estudos sobre Platão, principalmente em *Paradigmi della verità in Platone*, que é, sim, um livro de história da filosofia, mas também, como disse Nestor Cordero, na apresentação do livro, “um livro de filosofia”.

Casertano dialogava com o texto de Platão e não era satisfeito com uma leitura que desse a imagem desse filósofo como de alguém que sustentasse uma separação radical entre alma e corpo, entre verdade e opinião, entre razão e paixões. Esta visão sobre Platão, mas mais em geral sobre o pensamento grego, levou Giovanni Casertano a considerar sempre o grego, mas como também o homem moderno, na sua inteireza de ser humano, constituído tanto de raciocínio quanto de paixões e desejos. Não é por acaso que o volume que reúne alguns artigos dele sobre Platão se chame *Una filosofia degli uomini e per gli uomini*.

Ao longo de sua produção sobre este filósofo, e sobretudo em *Paradigmi della verità in Platone*, Casertano quis mostrar como a filosofia de Platão não é uma filosofia dogmática, fechada em si mesma, como um *corpus* de doutrinas que restituíam a “Verdade”. De fato – ele destaca –, não há, em Platão, uma definição de verdade, mas há, sim, vários paradigmas de verdade, de uma verdade com o “v” minúsculo, porque Platão foi sempre ciente do fato de que os seres humanos só podem alcançar aquela verdade que seres finitos e limitados podem encontrar, e não uma verdade divina. Neste sentido, a verdade não é uma meta ou um resultado final ao qual o ser humano pode chegar, mas, mais do que outra coisa, um “sentido” da pesquisa. Nesta perspectiva se mostra como, para Casertano, o discurso sobre o saber e o conhecimento não pode ir isento de uma conotação ética fundamental: a verdade é primeiramente o que, na troca dialógica com

os outros, é a verdade para cada indivíduo que discute e se abre à possibilidade de não ter razão, é o que nós consideramos verdadeiro para pensar o mundo e agir nele.

O que os diálogos mostram, portanto, não é a “Verdade”, mas um “método verdadeiro” – como Casertano interpreta o *Fédon* e o legado de Sócrates neste diálogo – com que proceder na estrada da *skepsis*, com que enfrentar as aporias dos diálogos, mas também do nosso pensamento sobre Platão e sobre a vida, ciente de que o tempo da pesquisa é o tempo da vida. Portanto, se uma verdade deste tipo abandona toda pretensão de universalidade, de necessidade e de imutabilidade, esta perspectiva nos dá em troca um sentido de verdade mais “humano”, mais “real” para o ser humano que deve viver sua vida e escolher sua conduta: novamente, a perspectiva teórica nunca é, nem o poderia ser, separada da perspectiva ética. O que Platão dá é um método para dialogar corretamente, ponderando, nas **determinadas circunstâncias reais** da troca dialógica e nas determinadas disposições anímicas de cada dialogante, os fatores envolvidos em nossa investigação. E esse *διαλέγεσθαι* é o legado mais profundo de Platão, como o próprio Sócrates diz na *Apologia* (*μέγιστον μάθημα*), mas é também o legado mais profundo de Gianni, como o chamavam os amigos e os colegas.

Durante décadas de ensino na Università di Napoli “Federico II”, Giovanni Casertano soube transmitir esta postura na pesquisa que é, primeiramente, ética e, assim, formou inúmeros alunos, mostrando a humildade necessária para a pesquisa, mostrando que a pesquisa vale só se for feita em virtude dela própria, um princípio de *scientia gratia scientiae*. Gianni soube transmitir essa postura assim como a paixão com que ele enfrentava o estudo, sem soluções cômodas e inertes, sem evitar discussões e polêmicas científicas, mas sabendo separar estas polêmicas da amizade, do respeito e da generosidade com que se relacionava com todos. Uma coisa que ele sempre dizia pode exemplificar tudo isso: “Quando você enfrenta alguma coisa, deve-se perguntar se há ou não há, nela, filosofia. Se há filosofia, então pode continuar se aplicando; se não há, significa que não deve perder tempo com ela”.

Esta postura o levou a estreitar amizade e a colaborar com vários colegas e amigos, da Itália e do mundo, como Marcelo Boeri, Gabriele Giannantoni, Michel Narcy, Alonso Tordesillas, Mario Vegetti, entre outros. Ao longo dos anos, Giovanni Casertano também colaborou com vários estudiosos brasileiros, e contribuiu muito aos estudos de filosofia antiga no Brasil assim como recebeu muito deste país, fato pelo qual sempre foi grato. Foi professor visitante em várias instituições brasileiras, foi homenageado, como já lembrado, com o título de Doutor *honoris causa* pela Universidade de Brasília, e várias de suas obras foram traduzidas para o português, entre as quais lembramos *Paradigmas da verdade em Platão* (São Paulo: Edições Loyola 2010), *Sofista* (São Paulo: Paulus Editora 2010), *Uma Introdução à República de Platão* (São Paulo: Paulus Editora 2011), *Os pré-socráticos* (São Paulo: Edições Loyola 2011) e *O prazer, a morte e o amor nas doutrinas dos pré-socráticos* (São Paulo: Annablume Editora 2022). Para o Brasil, desde que chegou no final dos anos noventa, Gianni sempre teve um carinho especial para os amigos, os colegas e os estudantes brasileiros que encontrou ao longo de mais de duas décadas de colaboração e amizade.

Um outro aspecto da vivacidade intelectual de Gianni era a música, sobretudo a clássica, da qual era profundo conhecedor. Amava, especialmente, Mozart, provavelmente porque era mais inclinado ao “scherzo”, como ele, mas adorava também Beethoven, os compositores russos – como Čajkovskij e Rachmaninov – e os grandes intérpretes do piano, instrumento que ele tocou na sua juventude. Adorava a Sonata para piano de Beethoven número 32 in Dó menor (Op.111), cuja “Arietta” era, para ele, como para muitos, a primeira obra jazz da história. Ao longo de 25 anos de aprendizado com ele, tivemos inúmeras ocasiões para trocar impressões, discos, sugestões de compositores e de intérpretes, sobretudo de piano. Sempre fiel ao espírito jocoso da música – sem, obviamente, desdenhar as obras mais “patéticas” –, me zoava pelo meu amor da música barroca e, uma vez, me deu um disco de música clássica contemporânea, sinceramente bem empenhativo para não dizer inaudível, dizendo: “Pegue, só você poderia escutá-lo!”



Tínhamos muitas trocas de opiniões, mas concordávamos sobre muitos assuntos, um deste era a nossa comum estima para Sviatoslav Richter, do qual ele mostrava, com orgulho, todos os “Concertos de Praga”.

Encontrei Giovanni Casertano pela primeira vez em seu curso de História da Filosofia Antiga, em que o objeto de estudo era o *Teeteto* de Platão e, depois, segui outros cursos com ele. Lembro, daquele tempo, a imensa estima, que perdura até agora e que nunca terminará, e também o temor de fazer a prova com ele, provando, como agora, um sentimento de reverência para um homem cuja cultura era tão profunda. Todavia, Gianni nunca usou essa cultura nem a sua posição para afastar a mim ou aos outros estudantes; pelo contrário, Gianni era, sim, extremamente rigoroso, mas também generoso e compreensivo. No pouco espaço desta lembrança, seria impossível dizer quanto aprendi dele; só posso testemunhar de que a pesquisa era, para Gianni, um hábito de vida. Ele deixava todos na liberdade de pensar e interpretar as obras assim como a própria vida, e respeitava todas as opiniões mesmo sem concordar e, se se deve dizer algo dele, é mesmo isto: *que foi um homem livre*. Livre de toda pequenez, de toda visão de curto fôlego. Testemunho disso foi um acontecimento que me ocorreu no primeiro ano do doutorado. Estava em um grupo que protestava e manifestava contra uma das inúmeras reformas celeradas que a universidade italiana sofreu ao longo destas últimas décadas. A um certo momento, devido a acontecimentos que envolveram um mal-humor entre professores e grupos de protesto, senti o dever de comunicar-lhe o que eu estava fazendo. Liguei para ele, e ele, depois de ter escutado, me disse (lembro como fosse agora): “Silvio, as pessoas que trabalham comigo são isso mesmo: pessoas. Pensam, dizem e fazem o que acham justo”. E esse é o ensinamento maior que ele me deu, deixar livres as pessoas ao meu redor, em pensar, dizer e fazer o que acham mais justo; e impostar sempre, no diálogo, uma horizontalidade sincera e sentida com o outro, porque só assim se pode alcançar o que há de humano no outro.

Ateu e marxista, Giovanni Casertano foi materialista coerente e integérrimo que, além de pensar o materialismo racionalmente como vertente filosófica, o sentia em suas emoções e agia conformemente. Gianni enquadrava a vida e a morte como momentos de passagem, naturais, e que, portanto, não havia nada de excepcional em nascer e morrer, mas tudo fazia parte das vicissitudes da natureza. Por esta razão, com a grande humildade que o marcou, não quis funerais e sempre proibiu os discípulos de organizar comemorações, congressos ou volumes em memória dele. Uma vez, falando da sua própria morte, disse que aquilo que teria ficado não eram os estudos que ele conduziu sobre Platão, mas só Platão. Este pequeno escrito, portanto, não quer ser uma comemoração, uma homenagem, embora quem está escrevendo sinta um transporte para isso; só quer ser uma lembrança, um registro, de que a história da filosofia antiga contou com um nome como o de Giovanni Casertano.